

7ª edição/2021

BOLETIM ECONÔMICO DO RIO

64 MIL EMPREGOS FORMAIS
GERADOS NO RIO EM 2021, NO
ACUMULADO ATÉ OUTUBRO

1. Sumário Executivo

O Boletim Econômico do Rio apresenta mensalmente dados sobre a atividade econômica, mercado de trabalho e inflação do Rio de Janeiro¹.

O Indicador de Atividade Econômica do Rio (IAE-Rio), desenvolvido pela SMDEIS, cujo objetivo é acompanhar mensalmente o comportamento da economia da cidade do Rio, acumula uma alta em outubro, em termos reais, de 2,5%, em comparação com dezembro de 2020, mostrando uma tendência de alta nos últimos meses, com uma queda em outubro. Na comparação com o mesmo mês do ano anterior, o IAE-Rio cresceu 3,4%, após o forte crescimento em setembro. Nos primeiros dez meses de 2021, o indicador cresceu 4,7%, em comparação com o mesmo período do ano passado. Na variação mensal, com taxas em comparação aos meses imediatamente anteriores, há uma volatilidade maior do indicador, que recuou 2,6% na comparação com setembro deste ano. No acumulado em 12 meses, o IAE-Rio apresenta uma alta de 3,6%.

A aceleração da vacinação, com praticamente todos os cariocas já com o esquema de vacinação completo com as duas doses ou dose única, além de uma parte também já ter tomado a terceira dose, permitiu uma perspectiva positiva para a economia carioca. Nesse contexto, para o ano de 2021, estimativas da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico, Inovação e Simplificação (SMDEIS) indicam que o PIB do Município do Rio de Janeiro deve crescer, em termos reais, 4,6%, após a forte queda de 2020 (-5,7%).

A taxa de inflação no Rio nos últimos 12 meses terminados em novembro foi de 9,6%, abaixo da inflação brasileira, de 10,7%. O aumento dos preços no Rio foi puxado principalmente pela alta de 15,7% dos preços administrados, e de 10,8% da alimentação no domicílio. Os mesmos itens aumentaram 19,2% e 9,7%, respectivamente, no Brasil. O preço dos serviços, cresceu 4,6% nos últimos 12 meses no Rio, numa taxa bem próxima da brasileira (4,8%). E os bens industriais aumentaram 8,8% no Rio e 11,4% no Brasil.

¹ Este Boletim foi elaborado com base em dados e informações públicas atualizadas até 14 de dezembro de 2021.

O mercado de trabalho formal no Município do Rio gerou 11,9 mil empregos novos em outubro de 2021, sendo a maior parte no setor de serviços (7,7 mil), principal segmento da economia carioca, sendo também o segmento que mais emprega pessoas. Em 2021, no acumulado até outubro, foram gerados 64 mil empregos formais, sendo quase 48,2 mil no setor de serviços (sem contar comércio). No agregado de serviços, incluindo comércio, houve uma geração de 55,3 mil empregos. Vale frisar que quase 60% dos empregos gerados neste ano foram criados em agosto, setembro e outubro, e mais de 90% nos últimos seis meses, mostrando a recuperação recente da economia carioca. Em comparação, no mesmo período do ano passado, houve uma perda de 125,6 mil empregos formais no Rio.

Em função da pandemia, e seus impactos na economia, o desemprego no Rio aumentou 4,3 p.p. entre o terceiro trimestre de 2019 e o terceiro trimestre de 2020. Vale frisar que a taxa de desemprego no Rio, apesar de ter aumentado com a pandemia, já se encontrava em patamares altos, de dois dígitos, desde 2017. Com o avanço da vacinação, e perspectivas melhores para a economia, a taxa de desemprego diminuiu 2,2 p.p. entre o terceiro trimestre de 2020 e o mesmo período de 2021, reduzindo de 16,8% para 14,6%.

Ao se comparar a taxa de desemprego carioca e brasileira nos últimos oito anos, na média 2013/16 e na média 2017/20, no primeiro período, a taxa de desemprego média do Rio foi de 6,0% ao ano, 2,6 p.p. abaixo da média da taxa de desemprego do Brasil, que foi de 8,6%. Já nos anos 2017/20, o desemprego médio do Rio aumentou para 13,2% ao ano, e acima da taxa de desemprego do Brasil (12,7%). Isso reforça o argumento de que o desemprego do Rio, apesar do aumento em função da pandemia, já se encontrava em patamares altos, e inclusive maior do que a taxa de desemprego do Brasil.

Para se ter uma análise da situação do mercado de trabalho mais ampla, deve-se olhar para outras variáveis também, além do desemprego. Além das pessoas desocupadas, há as pessoas desalentadas, indisponíveis, subocupadas e informais. Sobre as pessoas desalentadas, que são aquelas que desistiram de procurar emprego, passou de 22,8 mil cariocas desalentados no quarto trimestre de 2016 para 84,7 mil nos primeiros três meses de 2021.

Apesar do aumento das pessoas desalentadas, pois dobrou entre o final de 2016 e meados de 2019, houve um crescimento muito forte desse contingente de pessoas em 2020, em função da pandemia. Com a crise sanitária, e seus impactos na economia, muitas pessoas desistiram de procurar emprego nesse período. Com o avanço da vacinação e a melhora nas perspectivas econômicas, o número de pessoas desalentadas recuou para 44,3 mil no terceiro trimestre deste ano.

Sobre as pessoas indisponíveis, que são aquelas que realizaram busca efetiva por trabalho, mas não se encontravam disponíveis para trabalhar na semana de referência, por diversos motivos (localidade, estudo, saúde, gravidez, entre outros), a pandemia e seus impactos na economia foram os fatores mais importantes para o aumento desse contingente. Na média entre o quarto trimestre de 2016 e o quarto trimestre de 2019, existiam 41 mil cariocas nessa situação. Já no segundo trimestre de 2020, o pico da crise sanitária naquele ano, e com muitas incertezas ainda sobre o vírus e os efeitos na economia, foi quando houve o ponto mais alto das pessoas indisponíveis, com mais de 240 mil pessoas nessa situação. Com o avanço da vacinação e a melhora nas perspectivas econômicas, o número de pessoas indisponíveis recuou para 83,2 mil no terceiro trimestre deste ano.

Há uma medida alternativa de desemprego, mais ampla, somando as pessoas desocupadas com as desalentadas e indisponíveis. Assim como aconteceu com a taxa de desemprego, houve um aumento entre os três primeiros meses do ano de 2020 e de 2021, mas a taxa já estava alta, em dois dígitos, desde 2017. Com o avanço da vacinação e a melhora nas perspectivas econômicas, a taxa recuou 5,8 p.p. entre o terceiro trimestre de 2020 e o mesmo período deste ano, passando de 23,4% para 17,6%.

Sobre as pessoas subocupadas (formais) por insuficiência de horas trabalhadas, que são aquelas que trabalham menos de 40 horas semanais e gostariam de trabalhar mais, houve um aumento de mais de três vezes esse contingente de trabalhadores entre o final de 2016 e o começo de 2021. Vale frisar que esse aumento de pessoas subocupadas apresenta uma tendência pré-Covid. Ou seja, não foi somente a pandemia e seus impactos na economia que causaram esse aumento de pessoas subocupadas no Rio.

E há os trabalhadores informais, que são os trabalhadores sem carteira assinada (setor privado, público e trabalhador doméstico), sem CNPJ (empregador e conta-própria) e trabalhador familiar auxiliar. Houve uma tendência de alta dos trabalhadores informais entre o final de 2016 e o quarto trimestre de 2019 (último trimestre pré-Covid). Com a pandemia, a quantidade de trabalhadores informais diminuiu no Rio, assim como no Brasil, com as medidas (corretas) restritivas para a contenção do vírus. Os trabalhadores informais foram um dos grupos mais impactados pela pandemia. Com o avanço da vacinação e a melhora nas perspectivas econômicas, o contingente de trabalhadores informais aumentou, passando para 1,1 milhão no terceiro trimestre deste ano, com um acréscimo de 240 mil trabalhadores entre o ponto mais baixo (850 mil, no terceiro trimestre de 2020). Apesar da ausência de direitos trabalhistas, o trabalhador informal está inserido no mercado de trabalho, e consegue gerar renda. Ou seja, o aumento do trabalhador informal nesse momento, pode ser considerado como uma sinalização de retomada da economia carioca. Nos períodos pós-recessão, a volta do mercado de trabalho tende a ocorrer inicialmente pelo setor informal da economia.

E, por fim, há os trabalhadores numa situação mais vulnerável do mercado de trabalho no Rio, que é o somatório das pessoas desocupadas, subocupadas, desalentadas, indisponíveis e informais. Entre o quarto trimestre de 2016 e o quarto trimestre de 2019 (portanto, antes da crise sanitária mundial), houve um aumento de quase 500 mil cariocas numa situação mais vulnerável do mercado de trabalho. Com a pandemia, o número total de vulneráveis não aumentou consideravelmente, pois houve uma grande migração entre os próprios grupos dos vulneráveis. Por exemplo, com a diminuição do contingente de trabalhadores informais, muitos deles viraram desalentados ou desempregados. Os desempregados pararam de procurar emprego, se transformando em desalentados; e assim por diante. Vale ressaltar que essa mudança na composição dos vulneráveis não pode ser considerada positiva, tendo em vista que os trabalhadores informais estão numa situação um pouco melhor do que os desempregados, desalentados e indisponíveis. Apesar da ausência de direitos trabalhistas, o trabalhador informal está inserido no mercado de trabalho, e consegue gerar renda.

Nas próximas seções, há outros dados e gráficos sobre a economia do Rio.

2. Atividade Econômica

O PIB dos estados e municípios é divulgado pelo IBGE, com frequência anual, e com uma defasagem de dois anos (última atualização é 2018). Para os estados, há dados de atividade econômica em frequência mensal, como as pesquisas de serviços, comércio e indústria, divulgadas pelo IBGE, e o indicador de atividade econômica regional (IBCR), calculado pelo Banco Central. Mas, para os municípios, há uma escassez de indicadores, principalmente mensais. Buscando suprir uma lacuna de informações de atividade econômica de mais alta frequência² para o Município do Rio de Janeiro, a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico, Inovação e Simplificação (SMDEIS) desenvolveu o Indicador de Atividade Econômica do Rio (IAE-Rio),³ cujo objetivo é acompanhar mensalmente o comportamento da economia carioca, principalmente do setor de serviços, incluindo comércio, cujo peso é de 86,5%⁴ na economia do Rio.⁵ O indicador⁶ é baseado numa combinação linear do montante total de recursos captado através do Imposto sobre Serviços (ISS) da cidade do Rio de Janeiro (dados da Secretaria Municipal de Fazenda e Planejamento – SMFP), da Pesquisa Mensal de Serviços do Estado do Rio de Janeiro (PMS-RJ), e da Pesquisa Mensal de Comércio do Estado do Rio de Janeiro (PMC-RJ), sendo as duas últimas divulgadas pelo IBGE. Na presente edição do Boletim Econômico do Rio, há a sexta divulgação do IAE-Rio, com dados de outubro de 2021.

² Os dados de alta frequência de atividade econômica existentes atualmente são para o Estado do Rio de Janeiro, como as pesquisas de indústria, serviços e comércio (PIM-PF, PMS e PMC) divulgadas pelo IBGE, e o indicador de atividade econômica (IBCR-RJ), calculado pelo Banco Central. Já o PIB, dado oficial calculado pelo IBGE, tanto para o Estado do RJ quanto para o Município do Rio, é um dado anual, com defasagem de dois anos.

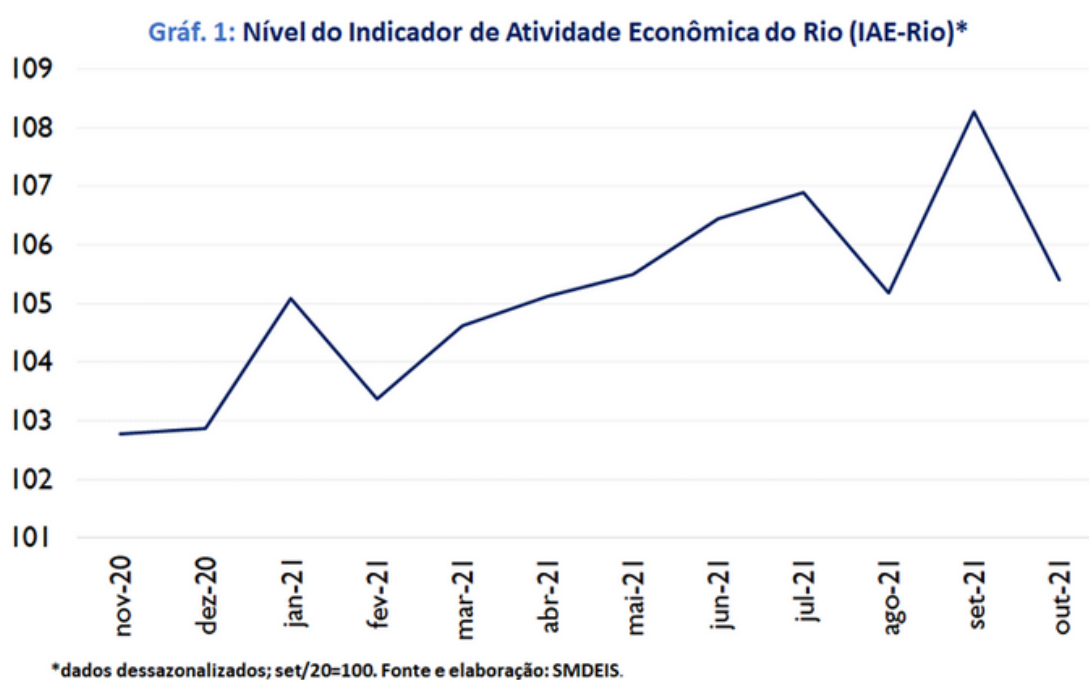
³ Ver a "Nota Explicativa do IAE-Rio", no final da presente edição do Boletim Econômico do Rio.

⁴ Segundo os dados das Contas Nacionais do IBGE, o comércio também faz parte do setor de serviços. Portanto, esse peso de 86,5% do setor de serviços na economia carioca inclui também o comércio.

⁵ De acordo com o PIB Municipal, divulgado pelo IBGE, com dados de 2018.

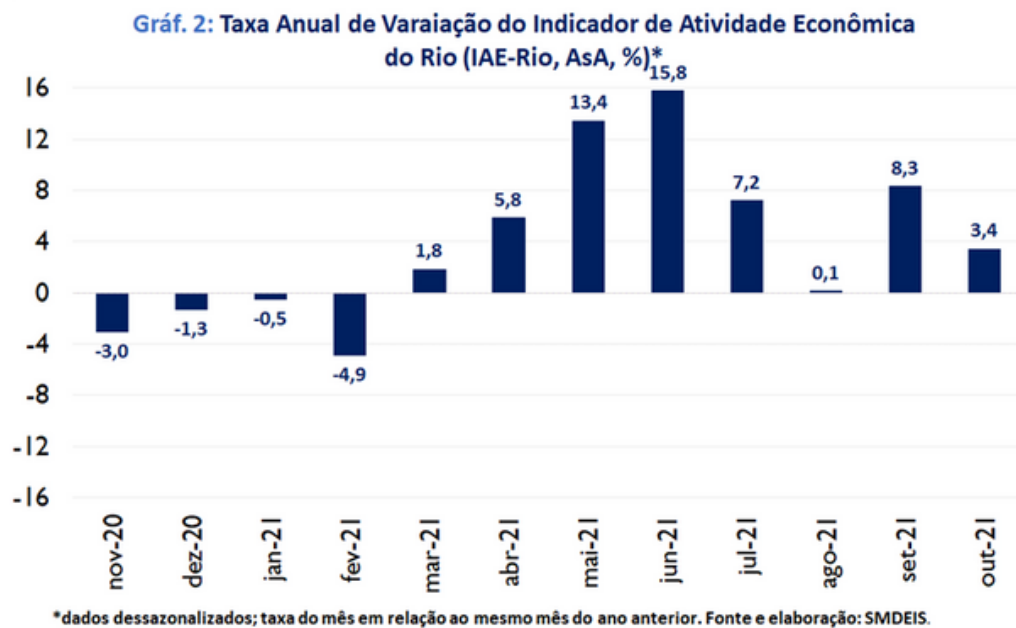
⁶ Para a metodologia completa do indicador, ver o Estudo Especial no 2 da SMDEIS, da "Metodologia do IAE-Rio". Disponível em: <https://observatorioeconomico.rio/estudos-especiais/>.

O Indicador de Atividade Econômica do Rio (IAE-Rio) acumula uma alta em outubro, em termos reais,⁷ de 2,5%, em comparação com dezembro de 2020, mostrando uma tendência de alta nos últimos meses, com uma queda em outubro. O Gráfico 1 mostra a evolução no nível do IAE-Rio dos últimos 12 meses.

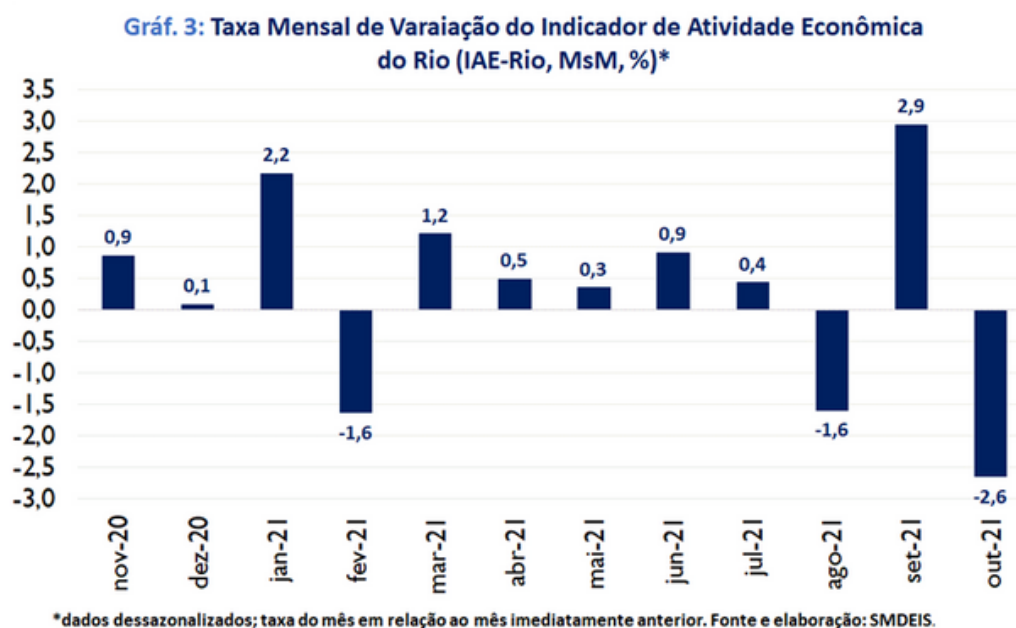


Na comparação com o mesmo mês do ano anterior, o IAE-Rio cresceu 3,4%, após o forte crescimento em setembro (Gráfico 2). Nos primeiros dez meses de 2021, o indicador cresceu 4,7%, em comparação com o mesmo período do ano passado.

⁷ Descontada a inflação.

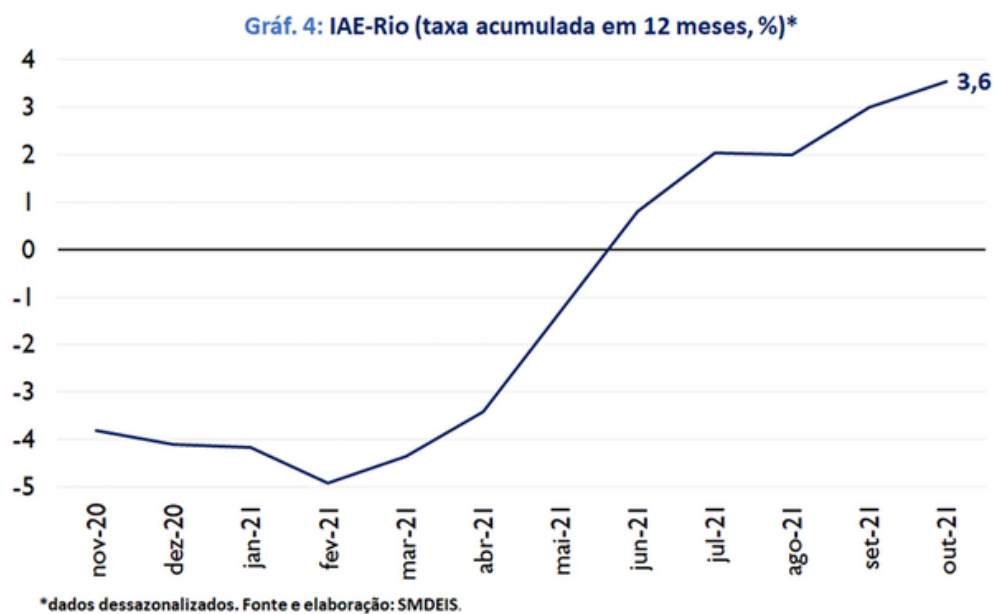


O Gráfico 3 mostra as taxas mensais de variação do IAE-Rio em comparação aos meses imediatamente anteriores. Nesta comparação, há uma volatilidade maior do indicador. Em outubro de 2021, o Indicador de Atividade Econômica do Rio recuou, em termos reais, 2,6% na comparação com setembro deste ano. Para suavizar essa volatilidade, calcula-se uma média móvel de três meses (MM3M).⁸ Na MM3M terminada em outubro de 2021, o IAE-Rio ficou estagnado.



⁸ Média móvel de três meses (MM3): taxa comparando a média dos três últimos meses em comparação com os três meses imediatamente anteriores.

Após 13 meses consecutivos no terreno negativo, em função dos meses de queda, por causa da pandemia e seus impactos na economia, o IAE-Rio, no acumulado em 12 meses, apresentou em junho deste ano a volta para o terreno positivo, tendo crescido mais ainda nos últimos quatro meses. O Gráfico 4 mostra o Indicador de Atividade Econômica do Rio no acumulado em 12 meses, tendo passado de -4,9% em fevereiro, para -4,4% em março, e -3,4% em abril, -1,3% em maio, +0,8% em junho, +2,1% em julho, +2,0% em agosto, +3,0% em setembro e +3,6% em outubro.



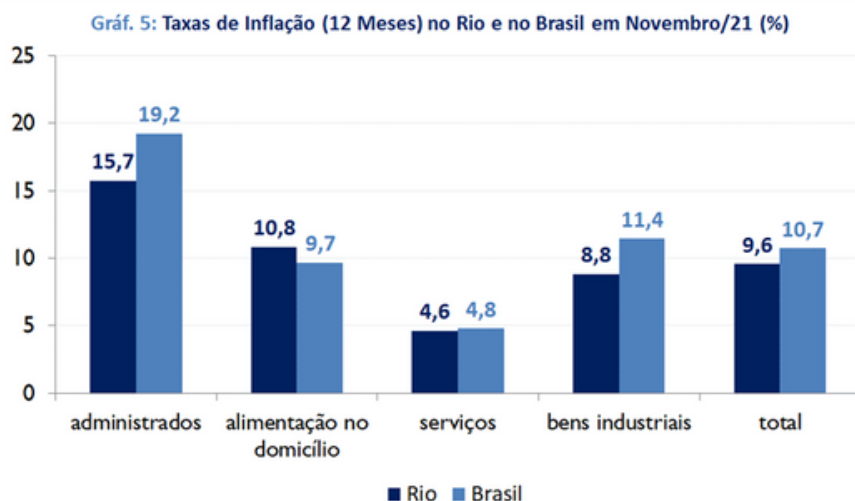
A aceleração da vacinação, com praticamente todos os cariocas já com o esquema de vacinação completo com as duas doses ou dose única, além de uma parte também já ter tomado a terceira dose, permitiu uma perspectiva positiva para a economia carioca. Com o avanço da vacina, o setor de serviços, que tem o maior peso na economia brasileira (70%), e mais ainda na economia do Rio (86%), está se fortalecendo. Bares, restaurantes, comércio, entre outros, são exemplos de serviços que tendem a se expandir cada vez mais com a melhora da questão sanitária. Vale frisar que o setor de serviços e o comércio foram os mais impactados pela pandemia, com as medidas (corretas) do combate a pandemia. E o setor de serviços é o que mais emprega a população carioca também, já que 85% dos trabalhadores formais cariocas estão nesse setor.⁹

⁹ Segundo dados do CAGED, o estoque de empregos formais de serviços, incluindo comércio, fica nessa taxa de 85%.

Nesse contexto, para o ano de 2021, estimativas da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico, Inovação e Simplificação (SMDEIS) indicam que o PIB do Município do Rio de Janeiro deve crescer, em termos reais, 4,6%,¹⁰ após a forte queda de 2020 (-5,7%).¹¹

3. Inflação

A taxa de inflação no Rio¹² nos últimos 12 meses terminados em novembro foi de 9,6%, abaixo da inflação brasileira, de 10,7%. A alta dos preços foi puxada principalmente pela de 15,7% dos preços administrados (peso de aproximadamente 1/4 da inflação total) no Rio, abaixo da taxa brasileira de 19,2%; e pela alimentação no domicílio, cujos preços aumentaram 10,8% no Rio (e 9,7% no Brasil). O preço dos serviços, que tem um peso próximo de 1/3 na inflação total, cresceu 4,6% nos últimos 12 meses no Rio, numa taxa bem próxima da brasileira (4,8%). E os bens industriais aumentaram 8,8% no Rio e 11,4% no Brasil. Alimentação no domicílio, serviços e bens industriais formam os preços livres, determinados por oferta e demanda. O Gráfico 5 mostra esses números.



Fonte: IBGE. Elaboração: SMDEIS.

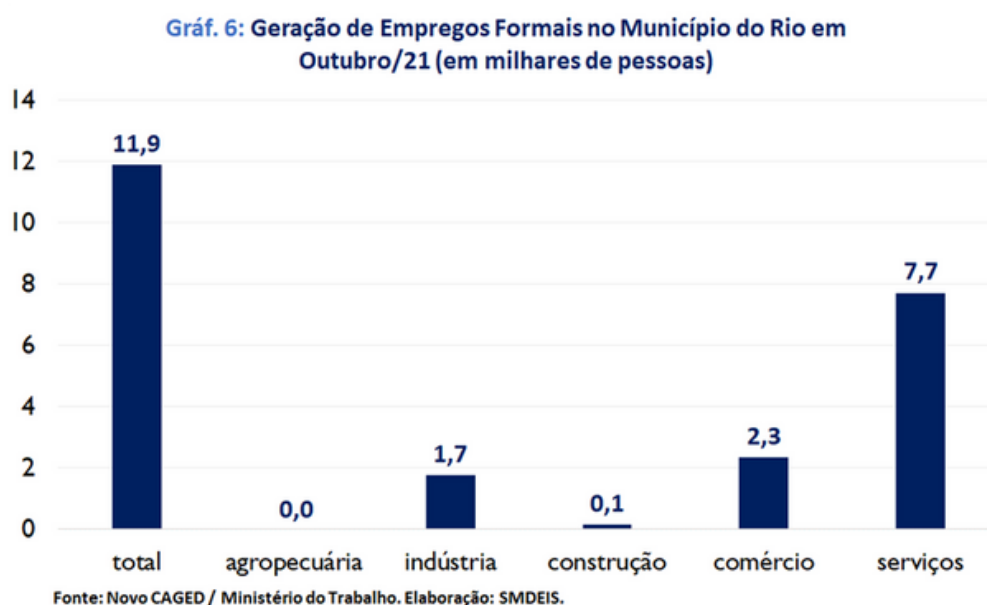
¹⁰ Na sexta edição do Boletim Econômico do Rio, a projeção para o PIB carioca era de 5,0%. Na presente edição, reduzimos marginalmente, para 4,6%, em função das revisões para baixo do crescimento do PIB brasileiro, segundo as expectativas de mercado do Boletim Focus,

¹¹ Ver o Estudo Especial SUBDEI/SMDEIS no 03/21, "Metodologia de Estimação do PIB Anual do Rio, por Meio de uma Relação com o PIB do Brasil". Disponível em: <https://observatorioeconomico.rio/estudos-especiais/>. O leve recuo das projeções do PIB do Rio em comparação com as projeções divulgadas até a quarta edição do Boletim Econômico do Rio (5,4%) é em função das revisões para baixo da mediana das expectativas de mercado, segundo o Boletim Focus, divulgado pelo BCB, para o crescimento real do PIB do Brasil. As projeções do PIB do Rio são com base nas expectativas para o PIB do Brasil do final de setembro.

¹² Região metropolitana.

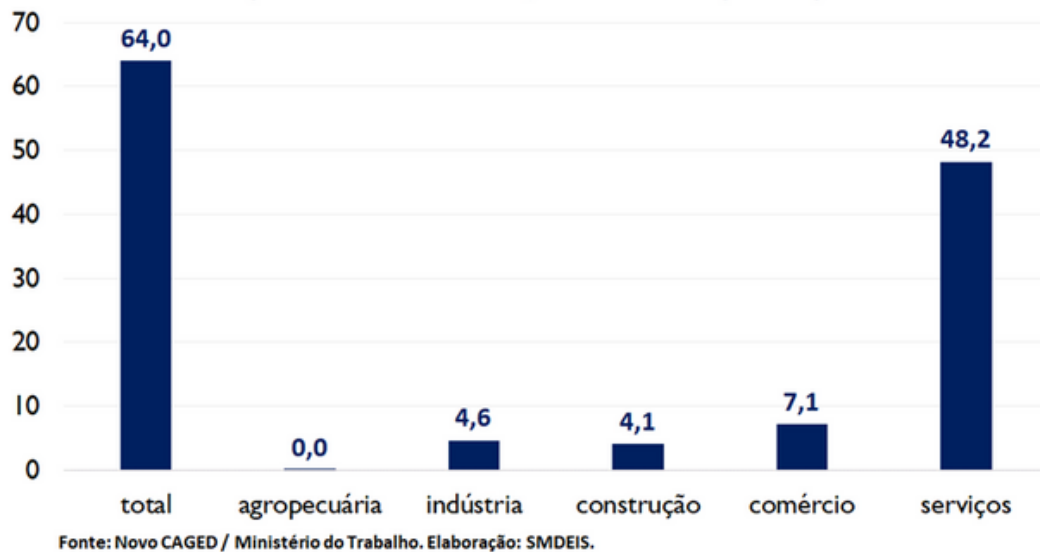
4. Mercado de Trabalho

O mercado de trabalho formal no Município do Rio gerou 11,9 mil empregos novos em outubro de 2021, sendo a maior parte no setor de serviços (7,7 mil), principal segmento da economia carioca, sendo também o segmento que mais emprega pessoas (Gráfico 6). Vale salientar que segundo os dados do Novo Caged, divulgados pelo Ministério da Economia, há uma separação entre comércio e serviços. Se considerarmos serviços incluindo comércio, em outubro de 2021, houve a criação de 10,0 mil empregos nesse setor.



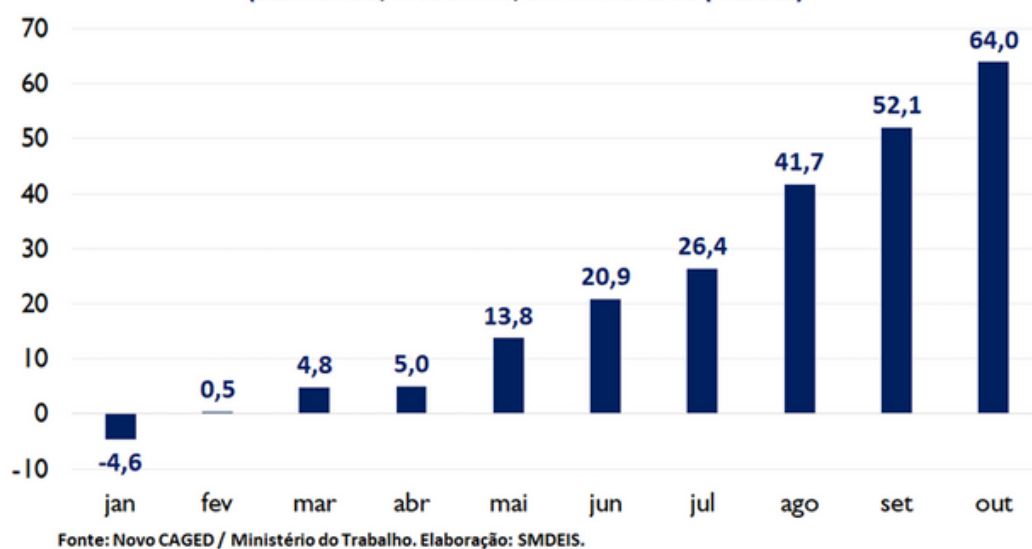
Em 2021, no acumulado até outubro, foram gerados 64 mil empregos formais, sendo quase 48,2 mil no setor de serviços (sem contar comércio). No setor do comércio, foram gerados 7,1 mil neste período. No agregado de serviços, incluindo comércio, houve uma geração de 55,3 mil empregos. Indústria e construção criaram quase 9 mil novos empregos (Gráfico 7).

Gráf. 7: Geração de Empregos Formais no Município do Rio em 2021
(acumulado até outubro, em milhares de pessoas)

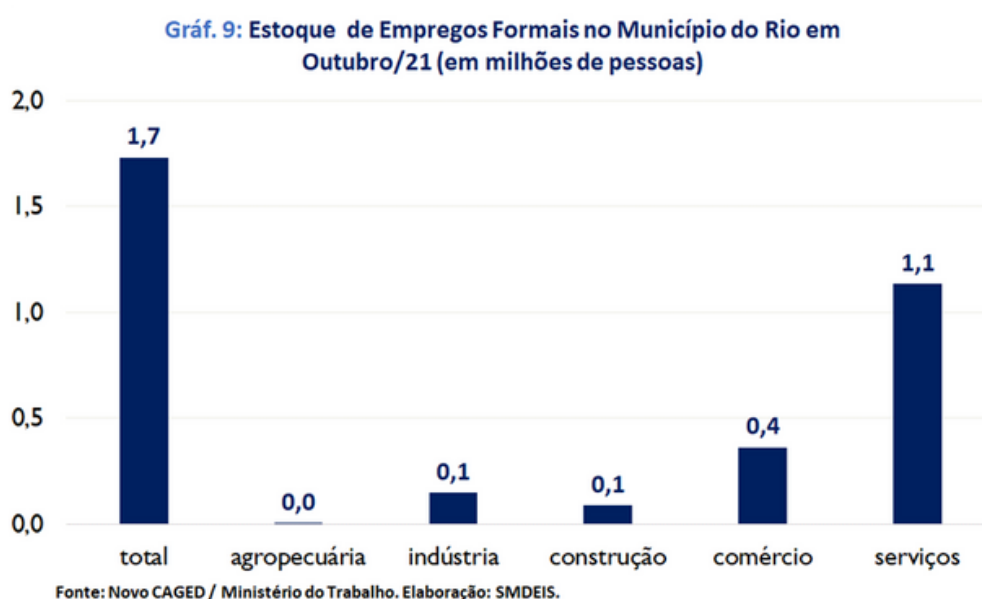


Vale frisar que quase 60% dos empregos gerados neste ano foram criados em agosto, setembro e outubro, e mais de 90% nos últimos seis meses, mostrando a recuperação recente da economia carioca. Em comparação, no mesmo período do ano passado, houve uma perda de 125,6 mil empregos formais no Rio. O Gráfico 8 mostra a geração de empregos formais no Rio neste ano, no acumulado mês a mês, até outubro.

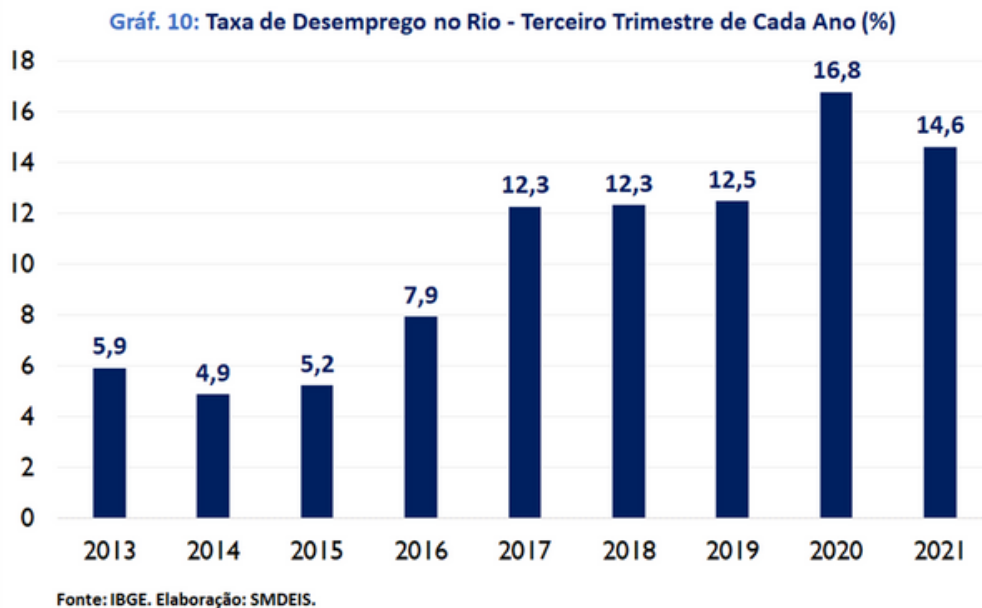
Gráf. 8: Geração de Empregos Formais no Município do Rio em 2021
(acumulado, mês a mês, em milhares de pessoas)



Com isso, em outubro de 2021, o estoque de empregos formais no Rio era de 1,7 milhão de trabalhadores, sendo mais de 85% desses empregos concentrados no setor de serviços (incluindo comércio). O peso da indústria era de 8,5% e da construção, 5,0%. A agropecuária, com apenas 1,6 mil empregos formais no Rio, representava apenas 0,1% dos empregos formais cariocas (Gráfico 9).

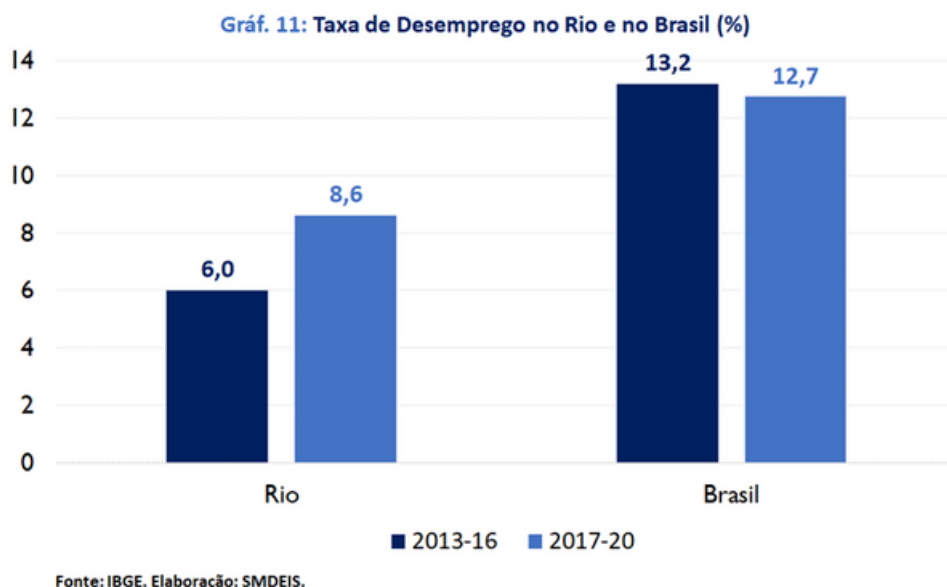


O Gráfico 10 mostra a taxa de desemprego do Rio, de acordo com dados da Pnad Contínua do IBGE, na comparação sempre do terceiro trimestre de cada ano, desde 2013. Em função da pandemia, e seus impactos na economia, o desemprego no Rio aumentou 4,3 p.p. entre o terceiro trimestre de 2019 e o terceiro trimestre de 2020. Pelo Gráfico 10, observa-se, e vale frisar, que a taxa de desemprego no Rio, apesar de ter aumentado com a pandemia, já se encontrava em patamares altos, de dois dígitos, desde 2017. Com o avanço da vacinação, e perspectivas melhores para a economia, a taxa de desemprego diminuiu 2,2 p.p. entre o terceiro trimestre de 2020 e o mesmo período de 2021, reduzindo de 16,8% para 14,6%.



O Gráfico 11 compara a taxa de desemprego carioca e brasileira nos últimos oito anos, na média 2013/16 e na média 2017/20. É importante notar que no primeiro período, a taxa de desemprego média do Rio foi de 6,0% ao ano, 2,6 p.p. abaixo da média da taxa de desemprego do Brasil, que foi de 8,6%. Já nos anos 2017/20, o desemprego médio do Rio aumentou para 13,2% ao ano, e acima da taxa de desemprego do Brasil (12,7%).¹³ Sendo assim, essas informações são para reforçar o argumento de que o desemprego do Rio, apesar do aumento em função da pandemia, já se encontrava em patamares altos, e inclusive maior do que a taxa de desemprego brasileiro.

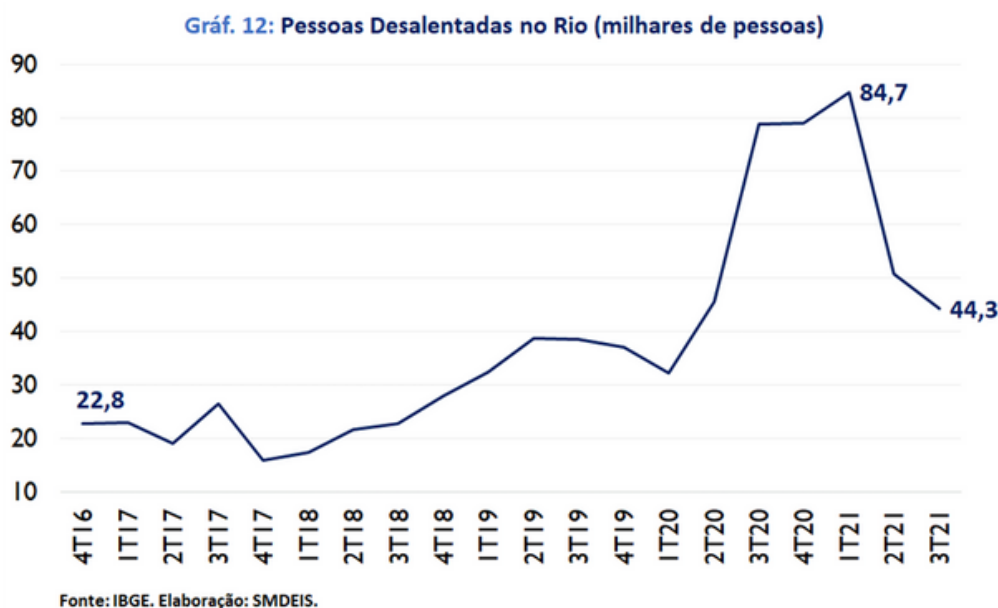
¹³ Esses valores foram atualizados com as novas divulgações da Pnad Contínua pelo IBGE, feitas em novembro de 2021. Os valores podem ser levemente diferentes dos divulgados em outras edições do Boletim Econômico do Rio ou em demais publicações econômicas da SMDEIS.



Para se ter uma análise da situação do mercado de trabalho mais ampla, deve-se olhar para outras variáveis também, além do desemprego. Além das pessoas desocupadas, há as pessoas desalentadas, indisponíveis, subocupadas e informais.

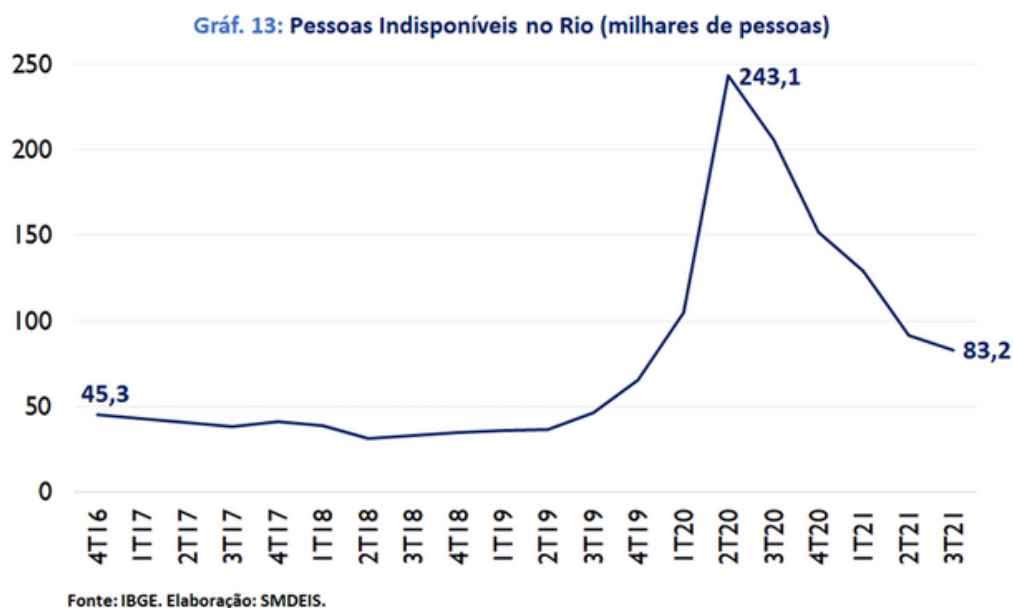
O Gráfico 12 refere-se as pessoas desalentadas,¹⁴ que são aquelas que desistiram de procurar emprego. Pelo Gráfico 12, observa-se que passou de 22,8 mil cariocas desalentados no quarto trimestre de 2016 para 84,7 mil nos primeiros três meses de 2021. Apesar do aumento das pessoas desalentadas, pois dobrou entre o final de 2016 e meados de 2019, houve um crescimento muito forte desse contingente de pessoas em 2020, em função a pandemia. Com a crise sanitária, e seus impactos na economia, muitas pessoas desistiram de procurar emprego nesse período. Com o avanço da vacinação e a melhora nas perspectivas econômicas, o número de pessoas desalentadas recuou para 44,3 mil no terceiro trimestre deste ano.

¹⁴ Os desalentados são pessoas fora da força de trabalho que estavam disponíveis para assumir um trabalho na semana de referência, mas não tomaram providência para conseguir trabalho no período de referência de 30 dias por não ter conseguido trabalho adequado, não ter experiência profissional ou qualificação, não haver trabalho na localidade em que residia ou não conseguir trabalho por se considerar muito jovem ou muito idoso.



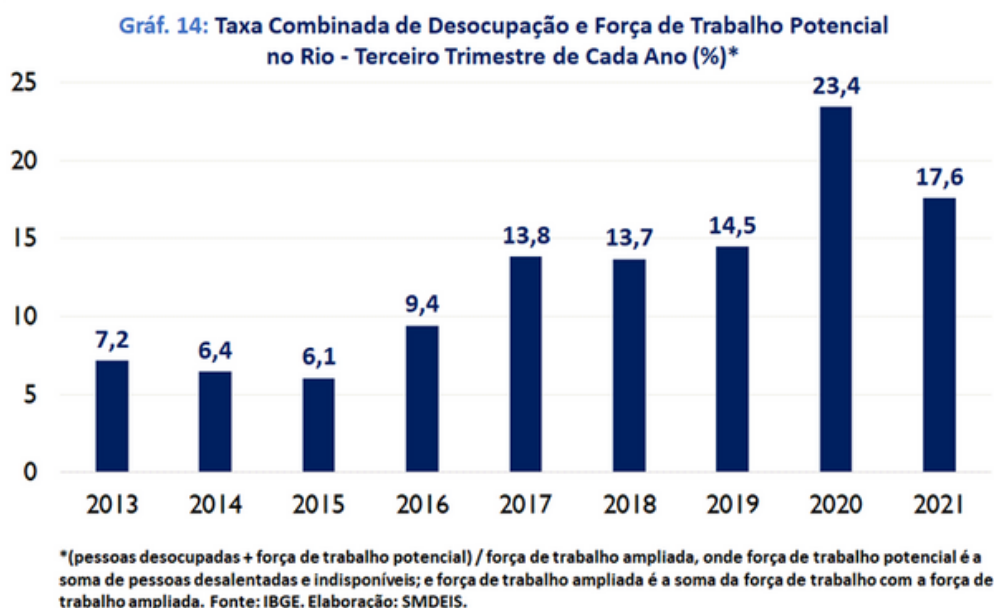
O Gráfico 13 mostra as pessoas indisponíveis, que são aquelas que realizaram busca efetiva por trabalho, mas não se encontravam disponíveis para trabalhar na semana de referência, por diversos motivos (localidade, estudo, saúde, gravidez, entre outros). Pelo Gráfico 13, observa-se que a pandemia e seus impactos na economia foram os fatores mais importantes para o aumento desse contingente. Na média entre o quarto trimestre de 2016 e o quarto trimestre de 2019, existiam 41 mil cariocas nessa situação. Já no segundo trimestre de 2020, o pico da crise sanitária naquele ano, e com muitas incertezas ainda sobre o vírus e os efeitos na economia, foi quando houve o ponto mais alto das pessoas indisponíveis,¹⁵ com mais de 240 mil pessoas nessa situação. Com o avanço da vacinação e a melhora nas perspectivas econômicas, o número de pessoas indisponíveis recuou para 83,2 mil no terceiro trimestre deste ano. A soma das pessoas desalentadas com indisponíveis formam a força de trabalho potencial.

¹⁵ De acordo com a Pnad Covid, divulgada em 2020 pelo IBGE, mas que não pode ser comparada com a Pnad Contínua, também do IBGE, entre os fluminenses não ocupados e que não procuraram trabalho na semana de referência, mas que gostariam de trabalhar, 74% (1,5 milhão) não o fizeram em função da pandemia ou por falta de trabalho na localidade (dados de junho/20). Ver Balassiano (2020), "Impactos do coronavírus no mercado de trabalho do Rio de Janeiro". Disponível em: <https://www.institutoliberal.org.br/blog/impactos-do-coronavirus-no-mercado-de-trabalho-do-rio-de-janeiro/>



Conforme citado anteriormente, além das pessoas desocupadas, também há as pessoas desalentadas e indisponíveis, que não exercem nenhum tipo de trabalho. Diante disso, existe uma medida alternativa, mais ampla, somando as pessoas desocupadas com as desalentadas e indisponíveis.¹⁶ O Gráfico 14 mostra essa taxa para o terceiro trimestre de cada ano, desde 2012, início da série histórica divulgada pelo IBGE. Assim como aconteceu com a taxa de desemprego, houve um aumento entre os três primeiros meses do ano de 2020 e de 2021, mas a taxa já estava alta, em dois dígitos, desde 2017. Com o avanço da vacinação e a melhora nas perspectivas econômicas, a taxa recuou 5,8 p.p. entre o terceiro trimestre de 2020 e o mesmo período deste ano, passando de 23,4% para 17,6%.

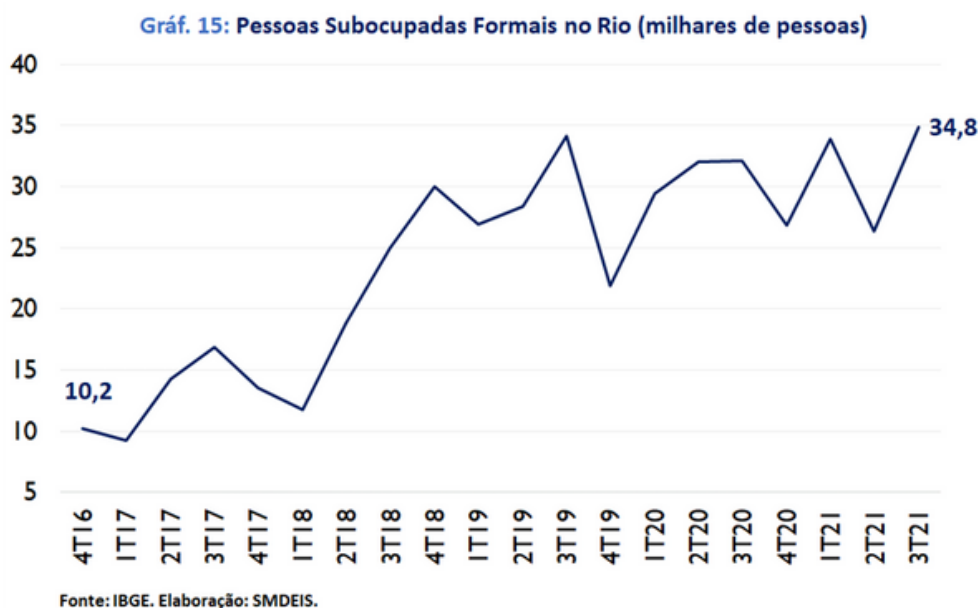
¹⁶ A taxa é calculada da seguinte forma: (pessoas desocupadas + força de trabalho potencial) / força de trabalho ampliada, onde a força de trabalho ampliada é a força de trabalho + força de trabalho potencial.



O Gráfico 15 mostra as pessoas subocupadas¹⁷(formais) por insuficiência de horas trabalhadas, que são aquelas que trabalham menos de 40 horas semanais, e gostariam de trabalhar mais. Entre os subocupados, há aqueles formais e informais, mas no Gráfico 15 há somente os subocupados formais.¹⁸ Observa-se que aumentou mais de três vezes esse contingente de trabalhadores entre o final de 2016 e o começo de 2021. Vale frisar que esse aumento de pessoas subocupadas apresenta uma tendência pré-Covid. Ou seja, não foi somente a pandemia e seus impactos na economia que causaram esse aumento de pessoas subocupadas no Rio.

¹⁷ São as pessoas que trabalhavam habitualmente menos de 40 horas no seu único trabalho ou no conjunto de todos os seus trabalhos e que estavam disponíveis e gostariam de trabalhar mais horas do que as habitualmente trabalhadas.

¹⁸ O Gráfico 16 mostra o número de trabalhadores informais.

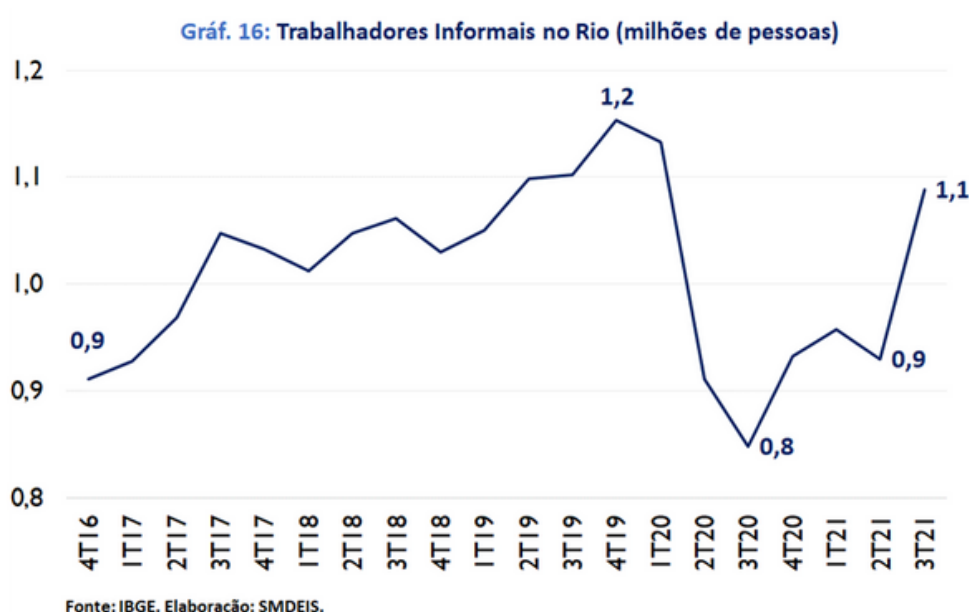


E, por fim, também há os trabalhadores informais, que são os trabalhadores sem carteira assinada (setor privado, público e trabalhador doméstico), sem CNPJ (empregador e conta-própria) e trabalhador familiar auxiliar. Pelo Gráfico 16 observa-se a tendência de alta dos trabalhadores informais entre o final de 2016 e o quarto trimestre de 2019 (último trimestre pré-Covid). Com a pandemia, a quantidade de trabalhadores informais diminuiu no Rio, assim como no Brasil,¹⁹ com as medidas (corretas) restritivas para a contenção do vírus. Os trabalhadores informais foram um dos grupos mais impactados pela pandemia.²⁰ Com o avanço da vacinação e a melhora nas perspectivas econômicas, o contingente de trabalhadores informais aumentou, passando para 1,1 milhão no terceiro trimestre deste ano, com um acréscimo de 240 mil trabalhadores entre o ponto mais baixo (850 mil, no terceiro trimestre de 2020).

¹⁹ Por exemplo, o pipoqueiro que vendia pipoca na porta das escolas ficou um tempo sem poder fazer isso, pois as escolas estavam fechadas; o ambulante que vendia bebida na porta de estádios de futebol ou de shows ou boates, também precisou se "reinventar", dado que esses eventos foram cancelados; entre outros diversos exemplos de trabalhadores informais.

²⁰ Ver Balassiano (2020), "Relação entre informalidade e auxílio emergencial", disponível em: <https://www.institutoliberal.org.br/blog/relacao-entre-informalidade-e-auxilio-emergencial/>

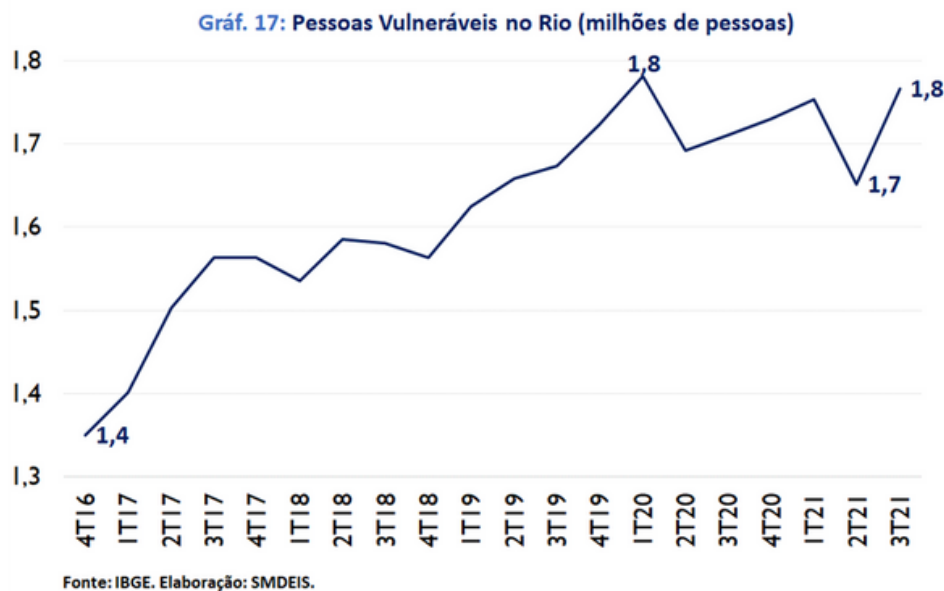
Apesar da ausência de direitos trabalhistas, o trabalhador informal está inserido no mercado de trabalho, e consegue gerar renda. Ou seja, o aumento do trabalhador informal, nesse momento, pode ser considerado como uma sinalização de retomada da economia carioca. Nos períodos pós-recessão, a volta do mercado de trabalho ocorre, inicialmente, pelo setor informal da economia.²¹



O Gráfico 17 mostra a quantidade de trabalhadores numa situação mais vulnerável do mercado de trabalho no Rio, que é o somatório das pessoas desocupadas, subocupadas, desalentadas, indisponíveis e informais. O Gráfico 17 mostra que entre o quarto trimestre de 2016 e o quarto trimestre de 2019 (portanto, antes da crise sanitária mundial), houve um aumento de quase 500 mil cariocas numa situação mais vulnerável do mercado de trabalho. Com a pandemia, o número total de vulneráveis não aumentou consideravelmente, pois houve uma grande migração entre os próprios grupos dos vulneráveis.

²¹ Ver também Barbosa Filho e Peruchetti (2021), "Quem mais sofreu com a queda de emprego no Brasil no ano de 2020?". Disponível em: <https://blogdoibre.fgv.br/posts/quem-mais-sofreu-com-queda-de-emprego-no-brasil-no-ano-de-2020>

Por exemplo, com a diminuição do contingente de trabalhadores informais, muitos deles viraram desalentados ou desempregados. Os desempregados pararam de procurar emprego, se transformando em desalentados; e assim por diante. Vale ressaltar que essa mudança na composição dos vulneráveis não pode ser considerada positiva, tendo em vista que os trabalhadores informais estão numa situação um pouco melhor do que os desempregados, desalentados e indisponíveis. Apesar da ausência de direitos trabalhistas, o trabalhador informal está inserido no mercado de trabalho, e consegue gerar renda.



Nota Explicativa do IAE-Rio

O **Indicador de Atividade Econômica do Rio (IAE-Rio)** tem por objetivo acompanhar mensalmente o comportamento da economia carioca, notadamente do setor de serviços, principal segmento da economia carioca, cujo peso é de 86,5% na economia do município, segundo o IBGE. Vale frisar que comércio também faz parte do setor de serviços, e está contemplado no IAE-Rio. Com isso, também é possível verificar as variações cíclicas da atividade econômica. O indicador possui frequência mensal com a série histórica iniciada em janeiro de 2011.

O **Indicador de Atividade Econômica do Rio (IAE-Rio)** é uma combinação linear de três Índices:

- **Índice de Imposto sobre Serviços (IISS-Rio):** baseado no montante total de recursos captado através do Imposto sobre Serviços (ISS) da cidade do Rio de Janeiro (dados da Secretaria Municipal de Fazenda e Planejamento – SMFP). A série do ISS é dessazonalizada utilizando o método X-13ARIMA-SEATS, e o IISS-Rio é deflacionado pelo IPCA da Região Metropolitana do RJ. Por fim, a raiz quadrada das observações é calculada a fim de reduzir a variabilidade da série.
- **Pesquisa Mensal de Serviços (PMS-RJ):** baseado no índice gerado pelo IBGE para o Estado do Rio de Janeiro.
- **Pesquisa Mensal do Comércio (PMC-RJ):** baseado no índice gerado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para o Estado do Rio de Janeiro.²²

A consolidação dos resultados do **Indicador de Atividade Econômica do Rio (IS-Rio)** se dá através da ponderação das três componentes da seguinte forma:

$$\text{IAE-Rio} = 0,70 * \text{IISS-Rio} + 0,25 * \text{PMS-RJ} + 0,05 * \text{PMC-RJ},$$

²² Dado que a economia carioca representa cerca de metade da economia fluminense, os indicadores estaduais apresentam boas correlações com a economia da cidade do Rio.

O indicador é padronizado de modo a ser 100 no período de janeiro de 2011.

Para a metodologia completa do Indicador de Atividade Econômica do Rio (IAE-Rio), ver o Estudo Especial nº 2 da SUBDEI/SMDEIS, "Metodologia do Indicador de Atividade Econômica do Rio (IAE-Rio)".

A Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico, Inovação e Simplificação é o órgão da Prefeitura responsável por promover o desenvolvimento econômico do Rio de Janeiro através da melhoria do ambiente de negócios, segurança jurídica, inovação e excelência nos serviços prestados, atraindo novos investimentos e oportunidades para a cidade.

Prefeito do Rio de Janeiro

Eduardo Paes

Secretário Municipal de Desenvolvimento Econômico, Inovação e Simplificação

Chicão Bulhões

Subsecretário Executivo

Thiago Ramos Dias

Subsecretário de Desenvolvimento Econômico e Inovação

Marcel Grillo Balassiano

Subsecretária de Regulação e Ambiente de Negócios

Carina de Castro Quirino

Subsecretária de Controle e Licenciamento Urbanístico

Marcia Queiroz Bastos

Subsecretário de Controle e Licenciamento Ambiental

Paulo Silva

Comunicação e

Assessoria de Imprensa

Fernanda Freire

Luna Vale

Equipe econômica da Subsecretaria de Desenvolvimento Econômico e Inovação (SUBDEI/SMDEIS)

Cadu Figueira

Helena Laneuville Teixeira Garcia

Leonardo Vianna Moog Barreto

Lucas Siqueira Simões

Maíra Penna Franca

Manoel Tabet Soriano

Marcus Gerardus Lavagnole Nascimento

Coordenador do Boletim

Econômico do Rio

Marcel Grillo Balassiano

Design e diagramação do Boletim Econômico do Rio

Manuel Costa

Mayara Veillard Reis



BOLETIM ECONÔMICO DO RIO

Realização: Secretaria de Desenvolvimento Econômico,
Inovação e Simplificação do Rio de Janeiro